

# TEMPO DE REVOLUÇÃO

09 DE JUNHO DE 2022

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI) EDIÇÃO 19

*A teoria como guia  
para a ação*





## EDITORIAL

# Esquerda Marxista realiza vitoriosa Escola de Quadros: a teoria como guia para a ação

Realizada nos dias 4 e 5 de junho, a Escola de Quadros Nacional da Esquerda Marxista abordou questões teóricas fundamentais para a ação marxista na luta de classes. Os ricos debates abordaram a tática da frente única, o imperialismo segundo Lênin, o materialismo dialético e o combate dos marxistas ao pós-modernismo.

## Como esse debate se conecta com a nossa realidade

Na discussão sobre a frente única, Serge Goulart argumentou que se trata de uma tática aplicada no movimento operário e que deriva da própria situação objetiva da classe trabalhadora no capitalismo. O proletariado está em permanente combate para se transformar de “classe em si” em “classe para si” e assim realizar a sua principal tarefa, isto é, a conquista do poder político pelos trabalhadores.

A partir dessa compreensão, os marxistas devem entender que a tática de frente única não é um truque para desmascarar as organizações oportunistas e traidoras, mesmo que essa possa ser uma consequência da aplicação correta da tática, nem para lutar apenas por melhorias. As reformas são importantes e a conquista de melhorias sob o capitalismo podem ajudar a

Os ricos debates abordaram a tática da Frente Única, o Imperialismo Segundo Lênin, o Materialismo Dialético e o combate dos marxistas ao pós-modernismo

fortalecer e elevar o moral do conjunto da classe operária, mas isso não é de forma alguma o principal objetivo da luta dos trabalhadores e do partido revolucionário. O principal objetivo da tática da frente única é unificar a maioria do proletariado em luta por seus interesses de classe.

O princípio desta tática, segundo Serge, foi apresentado no Manifesto Comunista, escrito em 1848 por Marx e Engels:

*“Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários.*

*Não têm interesses diferentes dos interesses do proletariado em geral.*

*Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretendam moldar o movimento operário.*

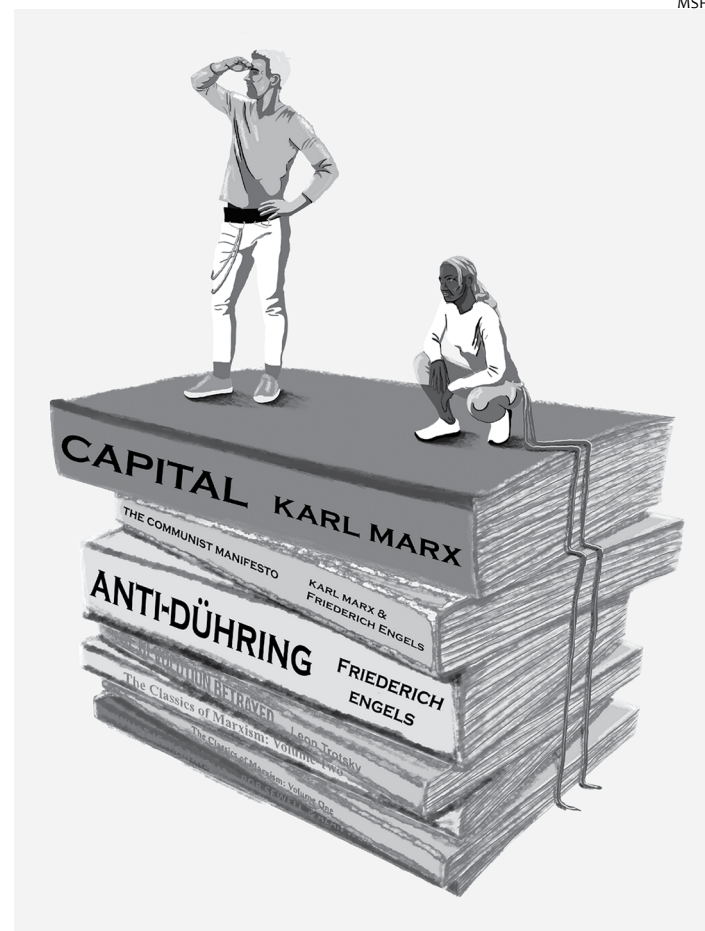
*Os comunistas se distinguem dos outros partidos operários somente em dois pontos: 1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários,*

*destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade; 2) Nas diferentes fases de desenvolvimento por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam, sempre em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto.*

*Na prática, os comunistas constituem a fração mais resoluta dos partidos operários de cada país, a fração que impulsiona as demais”.*

É preciso, no entanto, compreender as transformações que ocorreram desde a época de Marx e Engels para a aplicação correta da frente única atualmente. Em primeiro lugar, a falência da Segunda Internacional, no início do século XX, deu início a uma nova etapa política na luta do proletariado pelo poder. A partir desse momento, a batalha da construção de um partido proletário e da unidade da classe passa a enfrentar o aparato burguês no interior do movimento operário.

Foi a compreensão de Lênin e Trotsky sobre a traição da social-democracia que os levou a aplicar corretamente a tática de frente única durante a Revolução Russa de 1917. O Partido Bolchevique, sob a orientação de Lênin (isso após seu retorno à Rússia em abril do mesmo ano), consegue propor a ruptura com o governo



provisório, formado por uma coalizão de esquerda com a burguesia, e apresenta a palavra de ordem que melhor expressou a frente única naquele momento: “Todo Poder aos Sovietes”. Mas esse combate passou por diferentes etapas durante o ano de 1917, começando com o slogan “Pão, Paz e Terra” e passando por consignas como “Abaixo os Dez Ministros Capitalistas” como forma de dialogar com as massas e expor os limites do governo provisório ao mesmo tempo.

Como a questão da frente única se traduz hoje? No atual momento, as direções da classe trabalhadora alimentam a ilusão de que o processo eleitoral irá resolver todos os problemas atuais (inflação, desemprego etc.). Apesar do desenvolvimento de algumas lutas econômicas, as massas se lançam nesse caminho e a candidatura de Lula, em aliança com Alckmin, é a que aparece como viável. Nesse processo vemos duas correntes da “esquerda”: uma ala que capitula

## EXPEDIENTE

**Diretor de Publicação:** Serge Goulart  
**Editor:** Evandro Colzani  
**Diagramação:** Henrique de Macedo  
**Capa:** Evandro Colzani

**Conselho Editorial:** Alex Minoru, Caio Dezorzi, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho e Maritania Camargo

**Comitê de Redação:** André Mainardi, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

**Jornalista Responsável:** Rafael Prata  
MTB nº 40040/SP

TEMPO DE  
REVOLUÇÃO

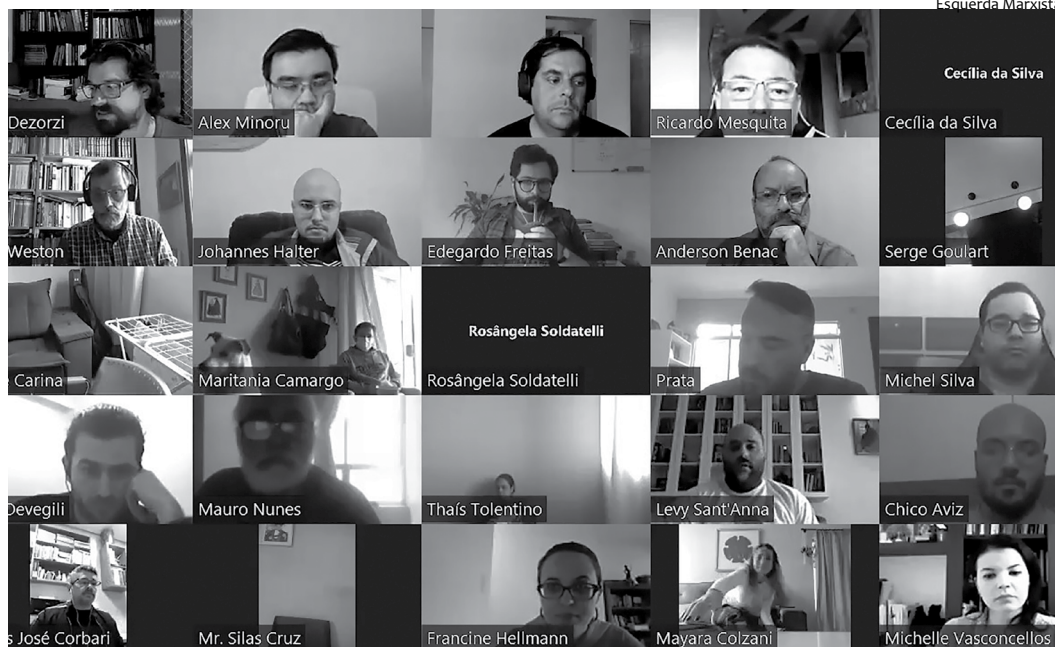


ao programa capitaneado pelo PT e decide apoiá-lo acriticamente, como é o caso do PSOL, e a outra que, a partir de um comportamento sectário, se nega inclusive a votar criticamente na candidatura de Lula, ou seja, se nega a combater Bolsonaro na arena eleitoral.

Enquanto era possível, nós defendemos uma candidatura própria do PSOL para combater o governo Bolsonaro nas eleições, mas com um programa que expressasse as posições da classe trabalhadora. Diante da recusa e das manobras da direção do PSOL para impedir uma candidatura do partido, defendemos que, neste momento em que as massas se voltam para as eleições, o voto crítico em Lula é necessário. No entanto, compreendemos que as eleições não irão resolver aquilo que prometem as direções e um possível governo Lula/Alckmin será um governo submisso à burguesia e de ataque aos trabalhadores. Continuamos a explicar a necessidade de utilizar as eleições burguesas para remover Bolsonaro, mas continuar o combate de classe contra o novo governo de colaboração de classes. Esse é o caminho que pode abrir um diálogo com a vanguarda e que futuramente pode abrir a possibilidade de diálogo com as massas.

### Em defesa do marxismo

No debate sobre o imperialismo, foram discutidas as principais características do capitalismo em sua fase superior e como isso se reflete na luta classes (para aprofundar o assunto indicamos a leitura do artigo nas páginas 08 e 09). Além disso, Caio Dezorzi analisou características da fase imperialista do capitalismo que ainda não estavam presentes na obra de Lênin escrita em 1916: o sistema da dívida pública nos países dominados, usado pelo capital



financeiro internacional para apropriar-se de maiores fatias da massa global de mais-valia; e a transferência de valores dos países dominados aos países imperialistas através das “reservas internacionais”, que são “aplicadas” em títulos públicos dos países dominantes a juros próximos de zero para serem convertidos através do sistema de crédito e voltar a atuar como capital a partir desses países.

Já no debate sobre o materialismo dialético, a filosofia do marxismo, apresentado por Alex Minoru, foi realizado um resgate da história do desenvolvimento do pensamento materialista e da dialética. Alex tratou desde o “renascimento” do materialismo a partir da formação da sociedade burguesa, e todas as revoluções que permearam esse período, até o salto de qualidade que se dá a partir da fusão do materialismo com a dialética hegeliana. O materialismo dialético, em resumo, é um método que nos permite compreender o desenvolvimento e a transformação da natureza, da sociedade e do pensamento partindo da base material para as abstrações (leia mais nas páginas 10 e 11).

O elemento que unifica todos esses assuntos deu nome à última mesa de discussão, “Em Defe-

sa do Marxismo”, que expôs a origem da filosofia pós-moderna e as consequências da aplicação dessa teoria antimarxista na prática.

Desenvolvido ao longo do século XX, o pós-modernismo vai encontrar os seus fundamentos na teoria de Friedrich Nietzsche e, posteriormente, nas obras Foucault, Deleuze, Derrida, Baudrillard, Lyotard, entre outros que, sem apresentar uma linha completamente homogênea, compartilham das ideias filosóficas fundamentais que hoje dominam a corrente pós-moderna.

Se para o marxismo a história da humanidade é a história da luta de classes, para a pós-modernidade não há um fio condutor e leis que nos permitem compreender

Ao fim da Escola de Quadros, militantes e ativistas próximos da Esquerda Marxista relataram seu entusiasmo com os debates, demonstrando o interesse em aprofundar cada um dos temas apresentados e ânimo para seguir nos combates

seu processo como um todo, há apenas o caos. Essa teoria cria uma nova roupagem para a velha concepção idealista da história e busca atomizar os trabalhadores substituindo a luta de classes pela suposta luta contra as opressões:

*“Em vez de unir todas as camadas exploradas e oprimidas da população em uma luta comum contra o sistema capitalista, eles fragmentam a luta em uma miríade de ‘lutas’ específicas a cada opressão e estritamente reservadas às suas vítimas diretas. De fato, eles explicam, os brancos ‘não conseguem entender’ a opressão que os negros sofrem; os homens, a opressão que as mulheres sofrem; os heterossexuais, a opressão que os homossexuais sofrem – e assim por diante ad nauseam, de modo que apenas ‘alianças’ pontuais entre categorias oprimidas seriam possíveis. Tudo isso equivale a excluir a possibilidade de uma luta comum e unitária das massas exploradas e oprimidas contra a burguesia”* (A miséria da filosofia pós-moderna, Jérôme Métellus).

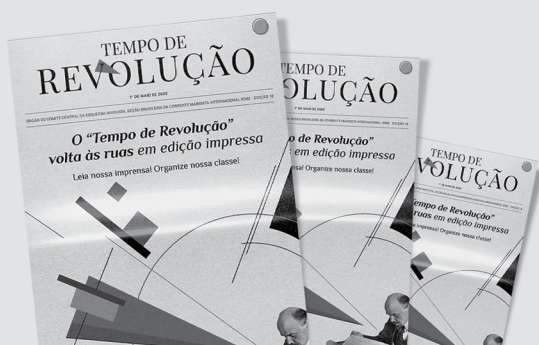
O pós-modernismo é a teoria da época da decadência do capitalismo, completamente reacionária e que busca combater o marxismo acima de tudo, negando a possibilidade de tomada do poder pelo proletariado.

Antes de encerrar o debate, Johannes Halter informou que além da revista América Socialista – Em Defesa do Marxismo e dos artigos já publicados em marxismo.org.br, o combate teórico pela defesa das ideias marxistas seguirá por meio da publicação do livro “História de Filosofia”, de Alan Woods, que já está sendo traduzido para o português e que será lançado em 2023.

Ao fim da Escola de Quadros, militantes e ativistas próximos da Esquerda Marxista relataram seu entusiasmo com os debates, demonstrando o interesse em aprofundar cada um dos temas apresentados e ânimo para seguir nos combates do próximo período. Os temas da escola serão retomados em discussões locais em cada Comitê Regional.

Além disso, segue a preparação para a Conferência da Esquerda Marxista, que ocorrerá nos dias 2 e 3 de julho, e para a Universidade Marxista Internacional de 23 a 26 do mesmo mês, evento que reunirá revolucionários de todo o mundo de forma on-line para 14 palestras sobre tópicos que abrangem os três pilares da teoria marxista: a filosofia revolucionária do materialismo dialético, os escritos econômicos de Marx sobre as contradições do capitalismo e a abordagem marxista da história, o materialismo histórico.

Os marxistas se dedicam ao estudo da teoria porque compreendem que é a partir da compreensão do mundo em que vivemos que podemos nos armar e armar a classe trabalhadora para a realização da tarefa mais importante que a humanidade se colocou até o momento, que é a de transformar o mundo em que vivemos e construir uma sociedade socialista em que não existam explorados nem exploradores.



FAÇA SUA ASSINATURA!

Receba em sua casa e tenha total acesso à edição digital e ao boletim mensal!

Acesse [www.livrariamarxista.com.br](http://www.livrariamarxista.com.br) ou utilize o QR Code ao lado



## JUVENTUDE

# A FARSA DA RECICLAGEM NO CAPITALISMO

| STANTON YOUNG

**T**odos sabemos que devemos reciclar o plástico. Aprendemos os três Rs na escola, em casa e no local de trabalho: “reduzir, reutilizar, reciclar”. Desde cedo, aprendemos a separar o plástico do lixo usando o triângulo da reciclagem e a colocar as lixeiras azuis na calçada uma vez por semana, pois isso pode ajudar a combater a poluição, em particular a dos oceanos. Somos ensinados que todos nós podemos ser parte da solução – se apenas reciclarmos.

O problema, no entanto, é que a reciclagem de plásticos não é e nunca foi uma solução viável para a poluição. Como uma exposição recente da NPR e Frontline explica, a indústria de reciclagem foi construída desde o início com uma mentira: que os plásticos poderiam ser e seriam reciclados. Por quê? Para vender mais plástico, em primeiro lugar. Em outras palavras, a reciclagem não é um sistema viável de gestão de resíduos em larga escala, mas um esquema de publicidade.

## Os plásticos e os combustíveis fósseis

Os plásticos começaram a chegar ao mercado americano a granel na década de 1950. De

acordo com o EIA [Estudo de Impacto Ambiental], “os plásticos são produzidos a partir do gás natural, de matérias-primas derivadas do processamento do gás natural e de matérias-primas derivadas do refino de petróleo bruto”. Como resultado, a venda de plásticos representa uma importante fonte de receita para as grandes petrolíferas, mas, no início da década de 1980, a indústria do petróleo enfrentou um problema: não estava vendendo plástico suficiente para gerar lucro. Pesquisas internas à indústria do petróleo, desenvolvidas pela NPR há dois anos, descobriram uma razão para isso: o plástico foi identificado como a poluição na mente dos consumidores. As pessoas não queriam comprar produtos que acabariam deixando resíduos no meio ambiente, em seus bairros ou no abastecimento de água.

Ao mesmo tempo, estava sendo proposta a legislação nos níveis local, estadual e federal para regular o uso dos plásticos e limitar os efeitos da poluição do plástico no meio ambiente. Isso apresentou um grande problema para a fonte dos lucros das grandes empresas petrolíferas.

Assim, em uma série de reuniões de diretoria, os executivos do setor do petróleo apresentaram uma solução: mudar a forma como os plásticos são comercializados. Se as pessoas pensarem que os plásticos podem ser reciclados, se as pessoas pensarem que podem combater a poluição reciclando, então elas vão comprar mais plástico.

O problema é que o plástico é incrivelmente difícil – leia-se, não lucrativo sob o capitalismo – de reciclar. O plástico não é um material uniforme. Existem muitos tipos diferentes, que devem ser classificados e divididos antes de serem reformados e reutilizados, um processo complicado por si só. Além disso, os materiais plásticos se degradam a cada reutilização. Em suma, é mais barato produzir plástico novo a partir do petróleo do que reciclar plástico velho.

O capitalismo está dirigido apenas à busca de lucros por indivíduos que devem garantir a viabilidade de mercado de suas empresas. Assim, os executivos do petróleo lançaram uma campanha publicitária de US\$ 50 milhões na década de 1990 que enviou uma mensagem clara: os plásticos podem ser reciclados, são fáceis de reciclar e, portanto, não representam risco ao meio ambiente. Além disso, a responsabilidade de proteger o meio ambiente recai em todos “nós”, ou seja, trabalhadores e capitalistas igualmente.

A indústria, então, investiu em “produtos para o bem-estar”, tais como as campanhas de conscientização sem fins lucrativos e em usinas de reciclagem. Tudo isso, enquanto pressiona os governos a colocarem o triângulo em todos os plásticos, independentemente da capacidade de

reciclagem e cria vários “conselhos de plásticos” – think tanks e órgãos de pesquisa – com o dinheiro do petróleo. E funcionou. A produção de plásticos e a lucratividade dessa indústria dispararam nos 30 anos seguintes. Não apenas os governos local, estadual e federal aderiram a esse truque, mas também os ativistas ambientais, como o Greenpeace, que promoveram a reciclagem como uma forma individual e baseada em escolhas para combater a poluição dos oceanos. Hoje, jogar seu plástico na lixeira azul é um reflexo condicionado.

No entanto, como as empresas como a Exxon, a DuPont, a Dow e outras sabem desde o início: a reciclagem não funciona porque não é lucrativa. Nenhuma das dezenas de usinas de reciclagem que a NPR examinou durou mais de uma década. Até hoje, apenas 10% dos plásticos foram reciclados em todo o mundo. Por 30 anos, os plásticos que acabam em lixeiras são simplesmente transportados pelo mundo, vendidos para países como China ou Indonésia, que são igualmente incapazes de reciclar esse material; então, ele é vendido mais adiante e, eventualmente, jogado em aterros sanitários ou no oceano, onde se acumulam em verdadeiras montanhas, até os abismos mais profundos, e recolhendo amostras de sangue humano e tecidos pulmonares.

A mentira, é claro, realizou maravilhas para os resultados dessas empresas: a indústria do petróleo fatura US\$ 400 bilhões por ano fabricando e vendendo plástico e, atualmente, está investindo ainda mais na produção de plásticos, apostando no fato de que os lucros futuros virão mais dos plásticos do que do petróleo e do gás, à medida que a demanda por carros e caminhões elétricos aumenta.

## O ambientalismo sem luta de classes é um caminho para lugar nenhum

Como apontamos anteriormente, o consumo ético ou verde não é uma solução real para os problemas do meio ambiente global. Essas “soluções” não representam risco para o capitalismo, ou seja, riscos para o resultado final dos capitalistas que possuem e controlam as indústrias que mais poluem. A mentira da reciclagem é apenas um exemplo dessa falha fatal do ambientalismo baseado no consumidor. As companhias aéreas que fazem voar aviões vazios para manter vagas nos aeroportos, e as empresas de petróleo que queimam gás que não podem vender, são outros.

Se a reciclagem não é lucrativa para os capitalistas, então as indústrias de reciclagem, plásticos e petróleo devem ser tomadas como propriedade pública e operadas sob controle democrático e público dos trabalhadores. Mas não devemos parar por aí. A maior parte da poluição do mundo vem da própria indústria – as empresas da Fortune 500 são as principais culpadas. Apenas 100 empresas foram responsáveis por 71% de todas as emissões globais de gases de efeito estufa, desde 1988. Essas empresas devem ser nacionalizadas e administradas pelo controle democrático dos trabalhadores, em harmonia com o meio ambiente.

Como os Democratas e os Republicanos representam os capitalistas, eles não podem ser parte da solução. Somente um partido dos trabalhadores e um governo dos trabalhadores podem começar a enfrentar esse desastre planejando, racional e democraticamente, a economia, abrindo caminho para o socialismo mundial e a sustentabilidade ambiental. | Tradução de Fabiano Leite.





# 44º Congresso da Ubes: defesa das instituições burguesas e abandono da luta por educação pública, gratuita e para todos

LIBERDADE E LUTA

De 12 a 15 de maio de 2022, aconteceu o 44º Congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), em Brasília (DF). Esse foi mais um Conubes dominado pela burocracia do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e União da Juventude Socialista (UJS) e que está longe de representar o conjunto dos estudantes. As teses aprovadas no Congresso — Conjuntura, Educação e Movimento Estudantil — praticamente assinalam a defesa das instituições burguesas e o abandono da luta por educação pública, gratuita e para todos.

## O que defende a Ubes?

Apesar do verniz radical, com declarações de combate ao governo Bolsonaro e da necessidade de mobilizar nas ruas, a política que a Ubes vem defendendo na prática é completamente oposta. Se antes da pandemia poucos estudantes conheciam a sua entidade de representação máxima, depois de dois anos longe das escolas e sem a realização de seu congresso da Ubes, a situação é ainda pior.

A lista de suas “lutas” do último período são uma mescla de crítica corretas à falta de estrutura, ao Novo Ensino Médio e ao homeschooling com bandeiras completamente reacionárias como a defesa das cotas, de programas como Fies e Prouni, entre outros.

Nenhum estudante deverá se recordar da Ubes lutando ao lado da UNE, por exemplo, pelo acesso universal ao ensino superior. Mas a entidade com orgulho explica seu protagonismo nas “campanhas” como “Estudo pra Geral”, que distribuiu “apostilas preparatórias para o ENEM”. É esse o papel que deve cumprir a principal entidade secundarista do país? Medida completa-

A Ubes também se vangloria de seu combate pelo “Novo e Permanente Fundeb”, que, ao invés de garantir todo o recurso necessário para a Educação

te assistencialista que não serve nem para expor os problemas dos vestibulares e demais funis que dão acesso a uma parcela mínima de estudantes a uma universidade?

Mas a entidade vai além. A presidente eleita para dirigir a entidade, Jade Beatriz, que foi crítica à “destruição que o governo Bolsonaro vem promovendo na área da educação”, logo afirmou que uma das primeiras grandes campanhas da Ubes será pela defesa da lei de cotas no Brasil, que segundo Jade, está ameaçada. Ou seja, a primeira “grande luta” da-

queles que deveriam defender a educação da destruição e da ameaça da política “neoliberal” de Bolsonaro, vai lutar para manter intacta a política criada e difundida pela Fundação Ford, que surgiu com um propósito simples: colocar brancos e negros, uns contra os outros, na disputa pelas poucas vagas existentes nas universidades, reforçando assim o racismo.

A Ubes também se vangloria de seu combate pelo “Novo e Permanente Fundeb”, que, ao invés de garantir todo o recurso necessário para a Educação, limita o dinheiro que deveria ser destinado para essa área (saiba mais em Fundeb: o fundo do poço dos reformistas) e comemora a “derrubada” de três ministros da educação como se fosse fruto dos combates desses nobres combatentes encastelados há décadas nas entidades que deveriam estar na linha de frente na luta pela derrubada não só dos ministros, mas de todo o governo Bolsonaro.

E por que a Ubes não cumpriu um papel mais importante na luta pelo “Fora Bolsonaro”? Porque seus dirigentes sabem que esse é um combate que pode colocar em movimento forças capazes de fugir do seu controle. Por isso saíram em defesa da “CPI do MEC” e levaram a cabo uma campanha para que a “juventude brasileira” tirasse “seu Título de Eleitor através da campanha ‘Se Liga Hein’”.

Os mesmo que temem “as frequentes ameaças de um golpe feitas por Bolsonaro” e que defendem que elas “precisam ser levadas a sério”, buscam resolver seus problemas por meio das mesmas instituições que possibilitaram a eleição de um candidato como Bolsonaro. O que defendem as direções quando levam a cabo essas campanhas? Que Bolsonaro é ruim, mas o Parlamento funciona, o Judiciário funciona e todas essas instituições visivelmente apodrecidas não podem ser derubadas, mas restauradas.

Acontece que as organizações de esquerda que comandam essas entidades já se adaptaram faz muito tempo à ordem burguesa. Hoje eles são um dos sustentáculos desse regime e precisam ser combatidos pela juventude e pela classe trabalhadora.

## A importância da luta por educação pública, gratuita e para todos

Todos os combates que a juventude secundarista se lançou historicamente foram confrontos contra os interesses do capital na educação: privatizações, terceirizações, fechamento de escolas, redução de conteúdo, censura, corte de investimentos, altos preços das passagens, destruição do meio ambiente etc. Enquanto isso, as direções da Ubes e demais entidades estudantis seguem o caminho oposto.

Nesse sentido, é fundamental organizar a luta por educação pública, gratuita e para todos. Trata-se da luta pela defesa daquilo que já conquistamos e do combate para impedir a destruição que é orquestrada pelo governo Bolsonaro e por todos os governos que se colocam do lado do capital. Mas a luta por educação pública é ainda maior, uma das reivindicações transitórias, ou seja, aquelas que nos colocam em movimento desde já pelas melhorias das condições de vida, estudo e trabalho, mas que no seu caminho nos colocarão em choque com o sistema capitalista, que nada mais pode nos oferecer!

Combater o Novo Ensino Médio, o Fundeb, a cobrança de mensalidades nas universidades públicas, pelo fim do vestibular e das cotas, o acesso universal ao ensino é o papel de qualquer entidade e organização que representa estudantes e trabalhadores.





## SINDICAL



# Como os marxistas combatem fraudes nos sindicatos

*Militantes e apoiadores da Esquerda Marxista em Joinville se inscreveram para concorrer à direção regional do Sinte-SC e sofreram um golpe da burocracia sindical*

| BRUNA DOS REIS

A burocracia que dirige o sindicato dos trabalhadores em educação do estado de Santa Catarina deu um salto de qualidade no sentido da degeneração da democracia sindical. É muito comum, graças à Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) varguista inspirada no modelo fascista de sindicato, que os sindicatos no Brasil exijam um longo tempo de filiação para que o trabalhador possa votar na direção sindical e um tempo ainda maior para que possa se candidatar à direção dos sindicatos.

Há ainda uma regra, na legislação trabalhista, de tempo mínimo que o trabalhador precisa estar exercendo uma função para que possa votar. Por exemplo, uma jornalista começa a trabalhar em uma empresa de distribuição de água e esgoto como assistente administrativa. Mesmo que ela esteja filiada no tempo mínimo para votar, a legislação não permite, pois ela não está exercendo a função no tempo mínimo determinado pelo Estado.

O objetivo, com a criação dessa regra, era impedir a participação dos

comunistas nos sindicatos, pois na época de Vargas era prática comum que um militante entrasse em uma categoria somente com o objetivo de ajudá-la a se organizar politicamente.

Esse é um dos fatores pelos quais combatemos o atrelamento dos sindicatos ao Estado capitalista. A luta pela independência dos sindicatos é extremamente necessária para garantir a democracia operária. Não é o Estado burguês que deve determinar as regras de nossa própria organização.

O Sinte-SC, como a maior parte dos sindicatos de servidores públicos, tinha até então uma maior democracia interna, pois possibilitava que os trabalhadores contratados temporariamente

(ACT) disputassem as eleições, somente com a condição de se filiar e contribuir com as mensalidades não descontadas em folha de pagamento. Isso porque a prática dos governos vem aumentando cada vez mais a proporção de contratados em relação aos trabalhadores concursados, atrasando a contratação para o início do ano letivo e a emissão das folhas de pagamento no início do contrato. Nunca é demais lembrar que a maioria dos trabalhadores em educação na rede estadual catarinense se encaixa nessa situação trabalhista.

No entanto, sob a alegação de que alguns membros da chapa da Esquerda Marxista não haviam se filiado a tempo (mesmo com as contri-

buições sindicais realizadas), a direção do sindicato (PT) decidiu impugná-la. Claramente uma tentativa de eliminar a oposição da disputa através de uma manobra burocrática.

Por outro lado, a chapa “de oposição” estadual, que reúne PSTU, PCB, algumas poucas correntes do PSOL e independentes, publicou uma nota afirmando que considera o critério de tempo de filiação absurdo, fora da realidade da categoria, mas como agora está válido, vai lutar para que ele seja aplicado também sob a chapa do PT. A posição desse grupo, “A lei é dura, mas é a lei”, é de que, se elimina seus concorrentes, deixam que a democracia operária vá pelo ralo.

Ou seja, nos combates sindicais os marxistas se deparam com muitas manobras burocráticas, decorrentes da ausência de uma política sindical que represente de fato os interesses da classe trabalhadora, revolucionária e de rompimento com o Estado capitalista.

**Diante da burocracia, como os revolucionários devem atuar**

Diferente do que fizeram os partidos de esquerda que romperam com a CUT diante da traição de sua direção e foram criando suas próprias micro-centrais sindicais, os revolucionários



se voltam para a base dos trabalhadores e discutem com eles os golpes da burocracia:

*“Apesar da degeneração progressiva dos sindicatos e de seus vínculos cada vez mais estreitos com o Estado imperialista, o trabalho da degeneração progressiva dos sindicatos e de seus vínculos com o Estado imperialista, o trabalho nelas não só não perdeu sua importância, como é ainda maior para todo partido revolucionário. Trata-se essencialmente de lutar para ganhar influência sobre a classe operária. Toda organização, todo partido, toda fração que se permita ter uma posição ultimista com respeito aos sindicatos, o que implica voltar as costas à classe operária, somente por não estar de acordo com sua organização, está destinada a acabar. E é bom frisar que merece acabar”* (Os sindicatos na época da decadência Imperialista, Leon Trotsky).

Para os marxistas, dirigir um sindicato aplicando os princípios da unidade, independência e liberdade sindical, defendendo uma política revolucionária, é muito importante. Mas não disputamos os sindicatos somente quando e para ganhar a direção. Assim como nas eleições gerais, o principal objetivo de militantes comunistas deve ser a elevação no nível da discussão política.

Por isso, de imediato a chapa da Esquerda Marxista denunciou ao conjunto da categoria, oferecendo um abaixo-assinado como instrumento de combate e organização ao golpe. Publicou o recurso enviado à comissão eleitoral e ao conselho deliberativo, instâncias

que ignoraram e impediram o direito de defesa da chapa.

**A derrocada da burocracia deve ser obra dos próprios trabalhadores. E dirigi-los para esse sentido não é uma tarefa fácil da sua vanguarda mais consciente**

Diante da total ausência de democracia nas instâncias do sindicato, surge na categoria a alternativa de judicializar esse processo. Aí é necessário explicar que a justiça é burguesa e não devemos chamá-la para que o Estado intervenha ainda mais em um instrumento que é da classe trabalhadora. A ação dos revolucionários é no sentido de ampliar o controle do proletariado sob suas organizações, eliminando a intervenção do Estado.

Isso não quer dizer que há um dogma sob a justiça burguesa, que nunca deve ser utilizada. Diante de um ataque do governo contra a categoria, o sindicato poderia utilizar a justiça burguesa contra um governo burguês, ainda que explicando que a única forma de pressionar a justiça a decidir a favor dos trabalhadores é mobilizando, organizando greves massivas. A judicialização pode também ser uma tática para ajudar a combater a

ilusão que os trabalhadores tenham com a justiça burguesa. No entanto, no caso da impugnação de chapa, recorrer ao judiciário, em nosso entendimento, seria abrir as portas do sindicato para a intervenção de aparelhos inimigos da classe operária.

A derrocada da burocracia deve ser obra dos próprios trabalhadores. E dirigi-los para esse sentido não é uma tarefa fácil da sua vanguarda mais consciente. Quando o sindicato inexistente para a maior parte dos trabalhadores, como é constatado no fato de muitos trabalhadores desconhecem o Sinte ou seu processo eleitoral, é difícil que esses se disponham a lutar pela democracia em seu interior. Mas apesar de árdua, é essa a tarefa que deve ser feita. Não podemos contar com atalhos artificiais para expulsar uma direção contrarrevolucionária do sindicato, porque é no combate para sua reconstrução que ele voltará a ser uma ferramenta da classe para se organizar.

Por isso, até às eleições do Sinte e depois dela, os militantes da corrente sindical Esquerda Marxista irão aos locais de trabalho discutindo o sindicato de que precisamos.

## SAIBA MAIS:

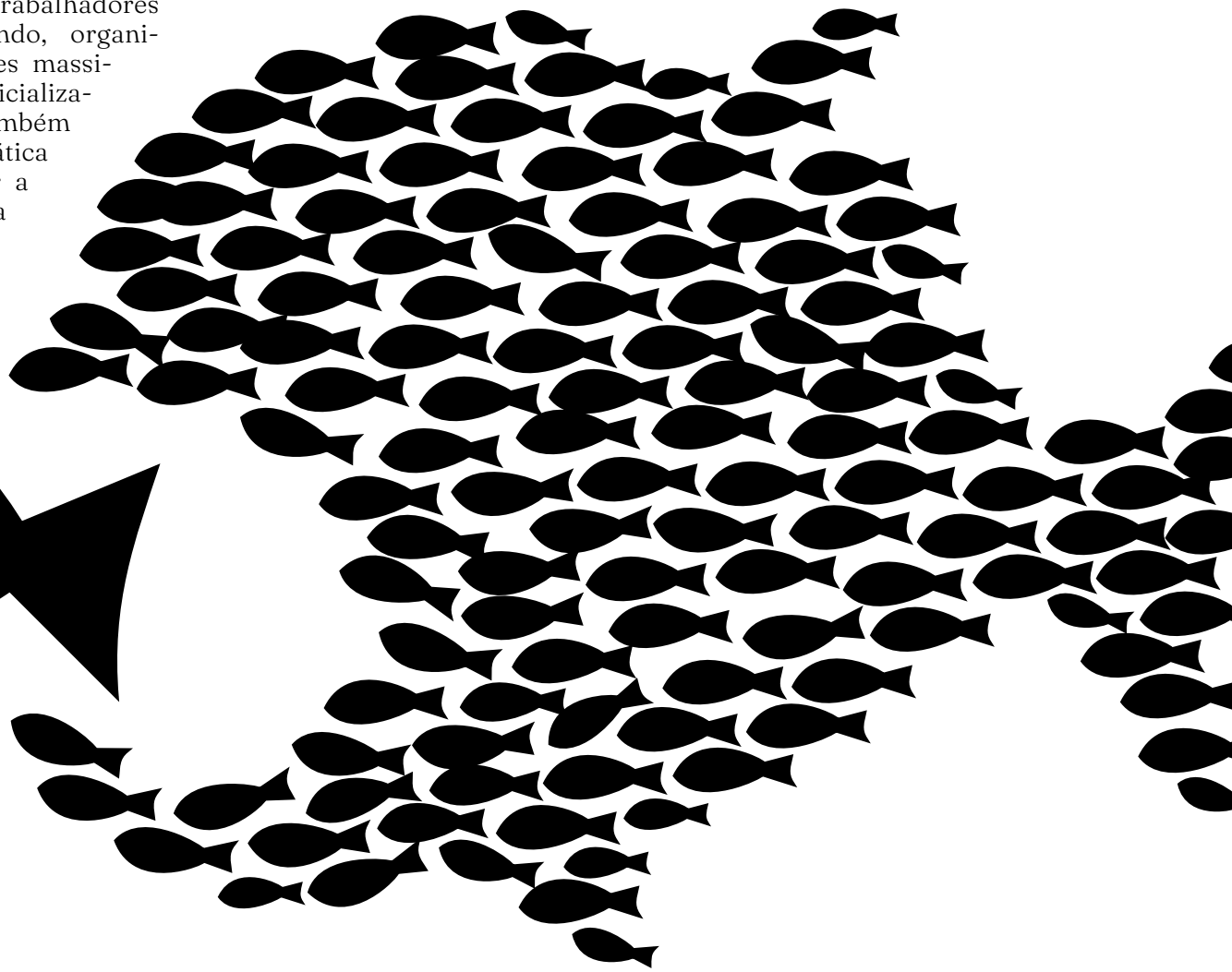
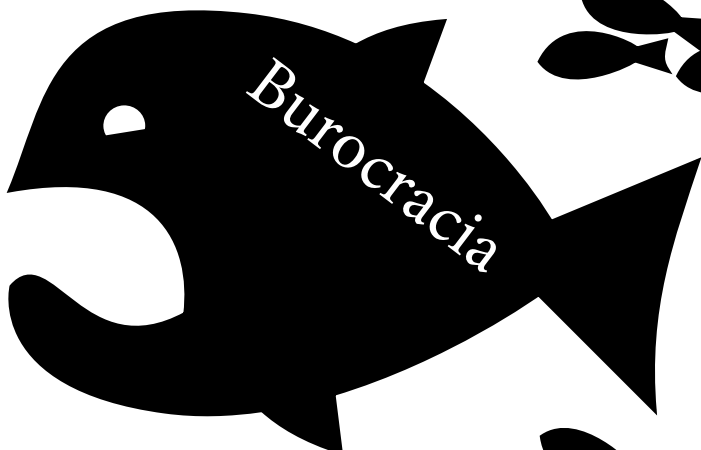
NO DIA 18 DE MAIO, PROTOCOLAMOS O RECURSO AO CONSELHO DELIBERATIVO DO SINTE E PEDIDO DE RECONSIDERAÇÃO À COMISSÃO ELEITORAL ESTADUAL CONTRA A DECISÃO QUE IMPUGNOU A CHAPA 3 - RETOMAR A LUTA PELA BASE:



ASSISTA AO VÍDEO DA BRUNA, CANDIDATA A COORDENADORA DA REGIONAL DE JOINVILLE, PELA CHAPA 3 - RETOMAR A LUTA PELA BASE:



LEIA TAMBÉM A NOTA DE DESISTÊNCIA DAS CANDIDATURAS AO CONSELHO DE REPRESENTANTES, POR NÃO COMPACTUAR COM A AUSÊNCIA DE DEMOCRACIA:





## ATIVIDADE DA EM

# O Imperialismo segundo Lênin

| CAIO DEZORZI

O modo de produção capitalista, analisado no século XIX por Marx em “O Capital”, continua sendo o modo de produção dominante na sociedade e assim o será até conduzir a humanidade à barbárie, salvo se a revolução proletária for vitoriosa em estabelecer as bases socialistas para a transição ao modo de produção comunista.

Depois das análises de Marx o capitalismo ainda se desenvolveu, mas é indispensável precisar que essa evolução se deu e continua a se dar conforme as leis do capital desvendadas por Marx. É sobre esta base que Lênin escreve seu livro “O Imperialismo, fase superior do capitalismo” em 1916.

Marx havia explicado que, sob o capitalismo, a livre concorrência engendra seu contrário: o monopólio. Ele havia previsto que a concorrência entre os capitalistas industriais do século XIX, atravessando as sucessivas crises do capitalismo, conduziria à eliminação das empresas economicamente fracas e ao triunfo das mais fortes, concentrando nestas, assim, progressivamente,

a extorsão da maior parte da massa de mais-valia produzida pela classe operária.

Assim, empresas gigantes e os cartéis e trustes entre essas empresas viriam a eliminar ou subjugar as pequenas e médias empresas, a ponto de que, finalmente, culminaria com o triunfo dos monopólios sobre o mercado mundial. E foi precisamente isso o que ocorreu nos últimos anos do século XIX e nos anos iniciais do século XX. Em 1916, a partir de um estudo minucioso desse desenvolvimento, baseado em uma ampla base de dados concretos, Lênin constata que o capitalismo havia superado a fase da livre concorrência e adentrado a fase monopolista: o Imperialismo.

## As cinco características fundamentais do estágio imperialista do capitalismo segundo Lênin

1. Concentração da produção e do capital, que conduz à formação dos monopólios, que cumprem papel decisivo na economia - Nos países capitalistas avançados, ou seja, naqueles em que o modo de produção capitalista mais cedo se estabeleceu como modo de produção dominante, a concentração da

produção engendrou a dominação de uma minoria de enormes empresas sobre todas as outras. Lênin observou e analisou este fenômeno não somente nas potências antigas, como Inglaterra e França, mas também nas potências capitalistas mais jovens à época, como EUA, Alemanha e Japão. Tal concentração dá nascimento a diversas formas de organização entre empresas capitalistas com objetivo de ter o monopólio sobre o mercado, como os sindicatos patronais, cartéis, trustes, etc.

2. A formação do capital financeiro e da oligarquia financeira - Marx tinha distinguido, na história do capitalismo, diferentes etapas: capitalismo comercial, capitalismo manufatureiro e capitalismo industrial, assim como diferentes camadas da burguesia, notadamente a burguesia industrial e a burguesia bancária. Já no final do século XIX, ao mesmo tempo em que a produção se concentra, os bancos também conhecem um processo de concentração que os leva de meros intermediários de pagamentos a uma posição dominante em relação ao funcionamento do conjunto da economia capitalista. Através

da concentração e monopolização do capital, e deste crescente papel dos bancos, uma fusão se dá entre o capital industrial e o capital bancário, resultando no nascimento do capital financeiro e os proprietários deste capital financeiro se tornam a nova burguesia financeira, uma verdadeira oligarquia que passará a impor seus interesses sobre todas as outras frações da classe dominante. Está inaugurado o capitalismo financeiro (Imperialismo) como etapa superior da história do capitalismo.

3. A preponderância da exportação de capitais sobre a exportação de mercadorias - Lênin explica que o que caracterizava o velho capitalismo, no qual dominava plenamente a livre concorrência, era a exportação de mercadorias e o que caracteriza o capitalismo moderno, no qual impera o monopólio, é a exportação de capital. Com a concentração do capital nas mãos de uma oligarquia financeira cada vez menor diante da vasta sociedade humana que se estende por todo o globo, inevitavelmente o capital acumulado nos países imperialistas atinge proporções colossais. Este excedente de capital passa

a ser exportado principalmente na forma de crédito através do sistema financeiro para todo o mundo, mas também através do seu emprego direto nas economias das colônias controladas pelos países imperialistas.

4. A partilha do mundo entre os agrupamentos capitalistas - Lênin constata que os cartéis e trustes estendem sua influência muito além das fronteiras de seus países e que eles constituem “supermonopólios”, verdadeiras redes de dominação internacional. Lênin mostra, desde 1916, que os trustes dividem os diversos ramos do mercado mundial entre si e, longe de estarem submetidos a Estados soberanos, exercem, ao contrário, sua dominação econômica e política sobre esses Estados burgueses, que estão, por sua natureza, a seu serviço.

5. A finalização da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes - A fase imperialista do capitalismo não surge do nada. Ela se estabelece no terreno histórico concreto de desenvolvimento do capitalismo, herdando







assim muito das características das fases anteriores do capitalismo, que por sua vez herdaram também características dos modos de produção anteriores, como o feudalismo, por exemplo. A política colonial é uma dessas características herdadas. Mas, Lênin ressalta que “a política colonial capitalista das fases anteriores do capitalismo é essencialmente diferente da política colonial do capitalismo financeiro”. Portanto, Lênin explica que sob a fase imperialista, embora haja um reforço da tendência à política de colonização, esta se dá por motivações diferentes. Num dos trechos do livro de 1916, Lênin explica:

“A particularidade fundamental do capitalismo moderno consiste na dominação exercida pelas associações monopolistas dos grandes patrões. Estes monopólios adquirem a máxima solidez quando reúnem nas suas mãos todas as fontes de matérias-primas, e já vimos com que ardor as associações internacionais de capitalistas se esforçam por retirar ao adversário toda a possibilidade de concorrência, por adquirir, por exemplo, as terras que contêm minério de ferro, os jazigos de petróleo, etc. A posse de colônias é a única coisa que garante de maneira completa o êxito do monopólio contra todas as contingências da luta com o adversário, mesmo quando este procura defender-se mediante uma lei que implante o monopólio do Estado. Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, quanto mais sensível se toma a insuficiência de matérias-primas, quanto mais dura é a concorrência e a procura de fontes de matérias-primas em todo o mundo, tanto mais encarniçada é a luta pela posse de colônias”.

Até o final do século XIX as principais potên-

cias mundiais ainda buscavam transformar em suas colônias “territórios virgens”, que ainda não haviam se constituído como Estados burgueses modernos e nem haviam sido convertidos em colônias de Estados burgueses já estabelecidos. Em alguns casos, essa dominação podia conservar a existência de Estados ditos soberanos, mas, de fato, transformando-os apenas em Estados semicoloniais. Então as grandes potências dividem entre si, de acordo com a correlação de forças entre elas e com os ramos do mercado mundial que cada oligarquia financeira dominava, todos os territórios africanos e asiáticos, finalizando assim a partilha territorial do mundo entre os países imperialistas. Mas Lênin deixa claro que isso não significava que novas reconfigurações não viessem a ser ambicionadas e efetuadas. Aliás, Lênin explica que isso seria inevitável. Com a fase imperialista, abria-se uma era de guerras e revoluções. Inclusive, a 1ª Guerra Mundial, durante a qual Lênin escrevia suas teses sobre o Imperialismo, havia se iniciado justamente em função de uma redistribuição das posições destes países segundo as novas relações de força financeiras, militares e econômicas.

Até o final do século XIX as principais potências mundiais ainda buscavam transformar em suas colônias “territórios virgens”

### Da época de Lênin aos dias de hoje

O capitalismo implica necessariamente um desenvolvimento desigual entre os diversos países capitalistas. Assim, o capitalismo alemão e o norte-americano se desenvolveram mais rápido a partir do século XIX, em comparação ao capitalismo inglês ou francês. A velocidade desigual de desenvolvimento do capitalismo nessas potências levava inevitavelmente a uma luta total entre elas para determinar uma nova partilha da África no final do século XIX, ou pra conservar a antiga partilha. Da mesma forma, a Ásia e a América Latina se tornariam, desde o início do século XX, os fatores essenciais desse jogo entre as potências, ou seja, entre os monopólios que dominam as próprias potências. Enfim, os países não industriais da Europa na época, como Grécia, Romênia, Bulgária, Sérvia, constituíam também fatores de enfrentamento entre essas potências. E a própria Rússia czarista começava sua industrialização já sob a dominação do imperialismo francês e inglês. É por isso que o imperialismo alemão vai tentar obter, com a 1ª Guerra Mundial, novas colônias e novos espaços de dominação em detrimento dos imperialismos francês e inglês, chocando-se com os esforços destes últimos para criar obstáculos para defender seus próprios interesses.

A 2ª Guerra Mundial é uma nova tentativa da oligarquia financeira alemã, desta vez aliada ao imperialismo italiano e ao imperialismo japonês de estabelecer uma nova divisão do mundo mais favorável aos seus in-

teresses. A destruição da Europa pela guerra, seguida da derrota da Alemanha, Itália e Japão, propicia que os EUA emergem isolados em primeiro lugar na nova divisão imperialista do mundo.

Depois do fim da 2ª Guerra Mundial o movimento anti-imperialista das massas na Ásia e na África, inseparavelmente ligados à luta do proletariado internacional, obrigou o imperialismo a renunciar às formas abertamente coloniais de dominação e a transformar parte dos países destes continentes em países semi-coloniais. Isso sempre com a ajuda das burguesias asiáticas, africanas e latino-americanas, utilizadas pelo imperialismo como burguesias

“compradoras”, ou seja, como instrumento de sua exploração e de sua dominação local. Essa modificação faz com que hoje não prevaleça mais a tendência ao colonialismo direto como na época de Lênin.

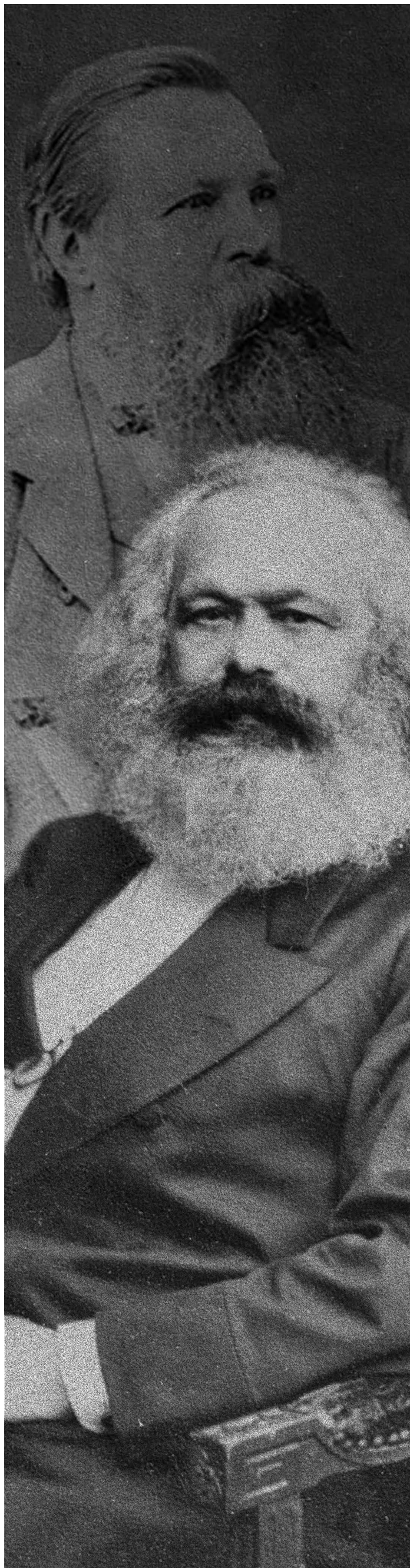
Uma mudança importante também é o papel quantitativa e qualitativa superior que assume hoje o sistema das dívidas públicas dos Estados nacionais para a transferência de riqueza dos cofres públicos para as oligarquias financeiras, bem como dos países dominados para os países imperialistas através da compra e venda de títulos públicos usando as chamadas “reservas internacionais”. Mas este e outros pontos ficam para outros artigos.

## IMPERIALISM THE HIGHEST STAGE OF CAPITALISM





## ATIVIDADE DA EM



# POR QUE ESTUDAR O MATERIALISMO DIALÉTICO?

| ALEX MINORU

No texto “As Três Fontes e As Três Partes Constitutivas do Marxismo”, Lênin explica sinteticamente como Marx e Engels se basearam na filosofia alemã, na economia política inglesa e no socialismo francês para desenvolver de maneira inovadora o socialismo científico, aquilo que conhecemos como marxismo.

O marxismo começou na filosofia, partindo da dialética idealista de Hegel que, por sua vez, já havia sido utilizada como base para o materialismo de Feuerbach. Marx e Engels fundamentaram, a partir destas bases, o materialismo dialético, a filosofia e o método do marxismo.

A tarefa deste breve artigo não é a de explicar tudo o que abarca o materialismo dialético, mas ressaltar a importância da compreensão e assimilação deste método por parte dos revolucionários marxistas hoje, para o avanço da luta pelo socialismo.

De maneira embrionária, filósofos na Grécia Antiga já trabalhavam com pensamentos dialéticos. Heráclito, um filósofo pré-socrático (considerado inclusive o pai da dialética), defendia que o mundo e a natureza estavam em constante movimento e mudança. “Tudo flui e nada permanece”, escreveu Heráclito. É dele o pensamento de que nós não podemos nos banhar no mesmo rio duas vezes, tanto porque as águas do rio se renovam, quanto porque o ser humano está em constante transformação.

Hegel retoma a dialética e a coloca em um outro patamar. Já Marx e Engels a libertam do idealismo hegeliano, fundindo-a com o materialismo. Para os marxistas, não são as ideias ou um Deus que determinam o mundo material, ao contrário, é o mundo material que determina as ideias. Como expressa uma conhecida frase da Contribuição à Crítica da Economia Política, de Marx:

*“Não é a consciência dos homens que determina sua existência, e sim, pelo contrário, é sua existência social [que] determina sua consciência”.*

---

Hegel retoma a dialética e a coloca em um outro patamar. Já Marx e Engels a libertam do idealismo hegeliano

---

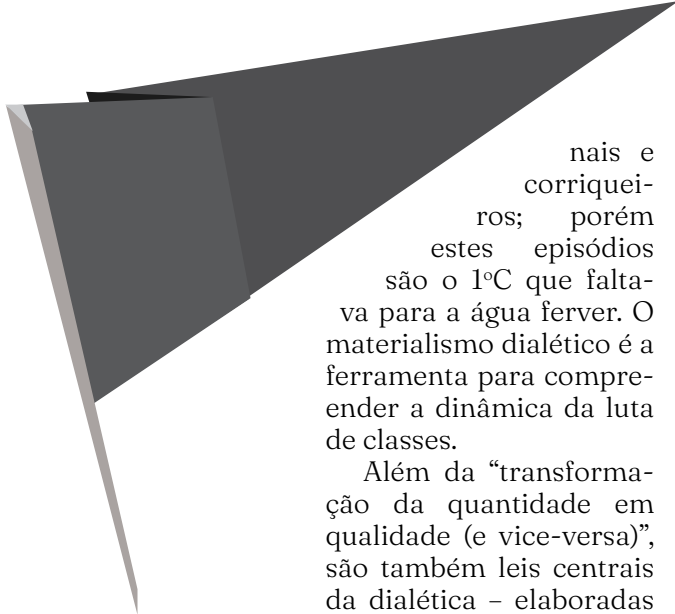
Em O ABC da Dialética Materialista, Trotsky vai escrever algo semelhante: *“Chamamos nossa dialética de materialista porque suas raízes não estão no céu nem nas profundezas de nosso ‘livre arbítrio’, mas na realidade objetiva, na natureza. A consciência surgiu do inconsciente, a psicologia da fisiologia, o mundo orgânico do inorgânico, o sistema solar das nebulosas”.*

Neste texto de 1939, Trotsky vai combater a lógica formal. O objetivo é explicar o caráter da União Soviética sob o domínio da burocracia

stalinista. A implicação de uma definição precisa sobre isso não era algo fútil, mas determinava a posição a ser adotada pelos marxistas frente a este Estado, e sua defesa ou não diante de uma agressão imperialista às vésperas da 2ª Guerra Mundial. Tal questão fez parte da polêmica com uma oposição pequeno-burguesa no interior da seção norte-americana da 4ª Internacional, o SWP.

Para entender o caráter da URSS naquele período, era fundamental o materialismo dialético. Este era o método necessário para compreender o desenvolvimento e as contradições deste Estado e se suas mudanças quantitativas haviam provocado uma mudança de qualidade em seu caráter, ou seja, se havia deixado de ser um Estado operário. Trotsky, a partir da dialética, vai defender que, apesar da burocratização stalinista, a URSS mantinha-se como um Estado operário, mesmo que deformado. Trotsky reforça o método marxista para fundamentar sua análise:

*“O pensamento dialético dá aos conceitos, por meio de aproximações sucessivas, correções, concretizações, uma riqueza de conteúdo e de flexibilidade; diria mesmo, certa suculência que, até certo ponto, os aproxima dos fenômenos vivos. Não o capitalismo em geral, mas um determinado capitalismo em uma determinada etapa de desenvolvimento. Não um Estado operário em geral, mas um determinado Estado operário em um país atrasado e sob cerco imperialista”.*



E conclui, para explicar a diferença entre a lógica dialética e a lógica formal:

*“O pensamento dialético está para o pensamento vulgar assim como um filme está para uma fotografia fixa. O filme não exclui a fotografia fixa, mas combina uma série delas de acordo com as leis do movimento”.*

A transformação da quantidade em qualidade e vice-versa é uma das leis da dialética. Engels cita Hegel para explicar este princípio utilizando um conhecido fenômeno químico:

*“Assim, por exemplo, o grau de temperatura da água é, no começo, indiferente quanto ao seu estado líquido; mas, ao aumentar ou diminuir a temperatura da mesma, chegará um ponto em que seu estado de coesão se modifica e a água é transformada em vapor ou gelo”* (Hegel, Enciclopédia).

No início de 2013, a situação política no Brasil parecia bastante estável sobre a superfície. Mas uma série de descontentamentos, desilusões e frustrações se acumulavam na base da sociedade. A repressão brutal da polícia de SP a uma manifestação contra o aumento da tarifa do transporte público desencadeou uma explosão social, as jornadas de junho de 2013, o que abriu uma nova situação política no país. Outros aumentos de tarifa já haviam ocorrido em anos anteriores, assim como repressões a mobilizações por parte da polícia. Mas dessa vez, estes episódios foram a gota que fez o copo transbordar. O acúmulo de mudanças quantitativas provocou um salto de qualidade. É bastante comum que explosões insurrecionais, e mesmo revoluções, sejam desencadeadas por episódios aparentemente ba-

nais e corriqueiros; porém estes episódios são o 1°C que faltava para a água ferver. O materialismo dialético é a ferramenta para compreender a dinâmica da luta de classes.

Além da “transformação da quantidade em qualidade (e vice-versa)”, são também leis centrais da dialética – elaboradas por Hegel e apropriadas por Marx e Engels dando-lhes um conteúdo materialista – a “interpenetração dos opostos” e a “negação da negação”. Por interpenetração dos opostos entende-se a contradição interna existente nos objetos e fenômenos. Por negação da negação, as etapas da evolução que negam o estágio anterior e que, em determinados momentos, parecem retornar a uma etapa precedente, porém, com uma qualidade distinta. Por exemplo: o grão de cevada em solo fértil germina e se converte em uma planta (a planta nega o grão), esta planta cresce, floresce e é fecundada e seca, produzindo novos grãos (o grão nega a planta). Retorna-se ao grão, mas em uma quantidade e qualidade distintas.

### Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx levou-o até o fim e estendeu-o do conhecimento da natureza até o conhecimento da sociedade humana

Em uma pequena biografia de Marx, Lênin vai explicar a visão de evolução da dialética:

*“Uma evolução que parece reproduzir estágios já conhecidos, mas sob outra forma, num grau mais elevado (negação da negação), uma evolução por assim dizer em espiral e não em linha reta, uma evolução por arrancos, por catástrofes, por revoluções, interrupções na marcha progressiva, a transformação da quantidade*

*em qualidade, o impulso interno para o desenvolvimento, provocado pelo contraste, pelo choque de forças e tendências diversas, agindo sobre um determinado corpo, nos limites de um determinado fenômeno, ou no seio de uma determinada sociedade; a interdependência e a ligação estreita indissolúvel de todos os aspectos de um só e único fenômeno (pois a história de fato se renova sem jamais se repetir), ligação que reflete o processo universal do movimento regido por leis, tais são alguns aspectos da dialética, dessa doutrina da evolução, mais rica que a doutrina popular”.*

Esta compreensão dialética da evolução, Marx e Engels vão aplicar ao estudo da história social. Lênin diz, no já citado “As Três Fontes e As Três Partes Constitutivas do Marxismo”:

*“Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx levou-o até o fim e estendeu-o do conhecimento da natureza até o conhecimento da sociedade humana. O materialismo histórico de Marx é uma conquista formidável do pensamento científico. Ao caos e à arbitrariedade que até então imperavam nas concepções da história e da política, sucedeu uma teoria científica notavelmente integral e harmoniosa, que mostra como, em consequência do crescimento das forças produtivas, desenvolve-se de uma forma de vida social uma outra mais elevada, como, por exemplo, o capitalismo nasce do feudalismo”.*

A luta pelo socialismo não é, portanto, uma boa ideia de pessoas de bom coração, esta era a base do socialismo utópico. O socialismo científico compreende que quando o desenvolvimento das forças produtivas entra em contradição com suas relações de produção, abre-se uma era de revolução social.

Marx ao lado de Engels, armado com o materialismo dialético, vai mergulhar para desvendar as engrenagens da economia capitalista, descobre a mais-valia e expõe seus estudos e conclusões em O Capital. O modo de produção capitalista não

é eterno, outros existiram antes dele. O desenvolvimento das forças produtivas propiciadas pelo capitalismo, o estancamento deste desenvolvimento, a criação do proletariado como classe revolucionária, traz as condições objetivas para o estabelecimento de um novo modo de produção: o socialismo e o comunismo. Porém, apesar de necessária, esta nova sociedade só se tornará realidade com a ação consciente e organizada do proletariado, o fator subjetivo.

A compreensão marxista da história, da economia e da necessidade da luta pelo socialismo, tem sua base no materialismo dialético. Este é o método também para a

análise da situação política e dos desenvolvimentos da luta de classes, a compreensão do terreno para a definição das táticas para o avanço da luta pelo socialismo.

Estudar o materialismo dialético, apropriar-se deste método, é fundamental para a ação dos revolucionários hoje. Como escreveu Marx nas “Teses Sobre Feurbach”:

*“Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é transformá-lo”.*

Por isso, todos os militantes da Esquerda Marxista estão chamados a aprofundar seus estudos sobre este tema e fazer do estudo o guia para a ação da organização revolucionária.

## CONHEÇA A BIBLIOGRAFIA INDICADA SOBRE ESTE TEMA AOS MILITANTES DA ESQUERDA MARXISTA QUE PARTICIPARAM DA ESCOLA DE QUADROS:

### LEITURA MÍNIMA:



TROTSKY: “O ABC DA DIALÉTICA MATERIALISTA”



ROB SEWELL: “O QUE É MATERIALISMO DIALÉTICO”

### PARA APROFUNDAR:



LÊNIN: “AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO”



ENGELS: “LUDWIG FEUERBACH E O FIM DA FILOSOFIA CLÁSSICA ALEMÃ”



ENGELS: “ANTI-DÜHRING” PARTE 1 - FILOSOFIA (CAP 1 A 14)



ENGELS: “A DIALÉTICA DA NATUREZA” (LIVRO NA ÍNTEGRA)



## TEORIA

# Por que devo adquirir a nova Revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo?



Clique para comprar ou acesse [Livrariamarxista.com.br](http://Livrariamarxista.com.br)



MARITANIA CAMARGO

A Revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo foi lançada com dois intuitos centrais:

1) Ela é uma campanha financeira da Esquerda Marxista, um material que editamos duas vezes ao ano com o objetivo de garantir nossa independência política por meio de uma arrecadação independente. Por isso, vendemos ela pelo valor mínimo de R\$ 50 e explicamos aos apoiadores que quanto mais eles puderem pagar pela publicação, mais divulgação poderemos fazer da nossa política. Esse é um debate fundamental aos revolucionários, que nos remete à necessidade indeclinável de que a organização dos trabalhadores não receba dinheiro nem do Estado burguês nem da burguesia, mas que seja sustentada pelos próprios trabalhadores. É o velho ditado “Quem paga a banda escolhe a música”.

2) A segunda questão, de igual importância, diz respeito à formação dos nossos militantes e simpatizantes. Na revista, publicamos materiais teóricos marxistas de profundidade sobre as mais diversas questões. São artigos produzidos pela Corrente Marxista Internacional e pela Esquerda Marxista, além de textos clássicos marxistas que dificilmente são encontrados na academia ou na imprensa burguesa.

Por isso, pedimos aos nossos militantes e contatos que não apenas adquiram a revista, mas que nos ajudem a divulgá-la e vendê-la. Esse apoio à imprensa revolucionária pode ser feito por meio da organização de debates dos temas propostos na edição, da discussão com outros contatos, da apresentação da publicação

nas redes sociais, entre outras iniciativas.

Nenhum militante jovem ou operário deve ser privado de adquirir a revista. Por isso, um estudante com dificuldades financeiras ou um trabalhador desempregado que não tiver a totalidade do valor, deve ser estimulado a adquiri-la com a quantia que dispuser e, ao mesmo tempo, nos ajudar na arrecadação coletiva e na divulgação da teoria revolucionária.

A Revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo segue o clássico método operário de independência financeira e, portanto, teórica. Da mesma forma, carrega a tradição da solidariedade com a nossa classe.

## Sobre a 20ª edição

O texto de abertura da América Socialista 20, é o “Marxismo versus libertarianismo e a escola austríaca de economia”, de Adam Both. O artigo faz uma contundente crítica ao livre comércio e ajuda, de forma objetiva, a desmistificar conceitos elementares, como valor de troca e valor. Exemplifica a diferença entre os economistas clássicos burgueses e Marx e Engels; e aponta a vulgaridade daqueles que nem mesmo da economia clássica se utilizaram. Explica ainda a importância de conhecer obras como “Materialismo e Empirio-criticismo” – fruto da polêmica entre o subjetivismo e a materialismo –, que expôs a esterilidade de visões subjetivistas a o

mesmo tempo em que forneceu uma defesa completa do materialismo. Both vai da crítica à Universidade de Viena como epicentro do combate ao materialismo em dado momento da história aos efeitos da guerra e à necessidade de planificação da economia.

Em seguida temos “As origens das classes sociais”, de Josh Holroyd e Laurie O’Connell. Esse é um texto agradável sobre os fundamentos do marxismo, voltado não apenas aos que iniciam no estudo da teoria marxista, mas também aos que desejam retomar conceitos elementares. O texto desmistifica o idealismo de que “as coisas sempre foram assim”, respondendo inúmeros questionamentos a que somos confrontados diariamente a partir de uma abordagem científica. Um exemplo é o resgate feito da obra-prima de Engels, “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, para explicar a ligação indissolúvel entre a

sociedade de classes e a opressão da mulher.

O terceiro texto é “Sobre o trotskismo”, de Hermínio Sacchetta, que nos brinda com uma aula de marxismo. Nele, o autor fundamenta como o trotskismo é a continuidade do marxismo e nos permite ligar os pontos entre as obras de Marx e Engels e seus continuadores, Lênin e Trotsky. Um destaque especial é feito em relação à Teoria da Revolução Permanente, explicitando o que levou às diferenças entre o marxismo e o stalinismo. Esse artigo permite-nos conhecer um pouco desse autor e militante aguerrido, que morreu em 1982 sem nunca ter se curvado à burguesia, ao stalinismo e à ditadura militar.

Estão presentes também na América Socialista 20 excertos das “Teses e acréscimos sobre as questões nacional e colonial” do 2º Congresso da Internacional Comunista. Esses fragmentos não só instigam os leitores a buscarem o conjunto das resoluções do

2º Congresso, como evidenciam em linha gerais qual a política adotada em relação à luta contra o imperialismo, que precisa ser retomada pelo conjunto dos trabalhadores.

Fecha a edição o texto “Sobre a questão ucraniana”, de Leon Trotsky. Esse artigo discute acontecimentos que explicam a atualidade da guerra da Ucrânia e confronta a posição de Lênin sobre a autodeterminação dos povos com o papel nefasto do stalinismo a esse respeito.

A capa da revista, elaborada por Evandro Colzani, tem como tema justamente a guerra na Ucrânia, e a arte da capa foi inspirada nas técnicas de mosaico e fotomontagem.

A Revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo número 20 está disponível em versão digital e pode ser adquirida no site da Livraria Marxista ou com nossos militantes.





# Argentina: o estrondoso sucesso da Marcha Federal

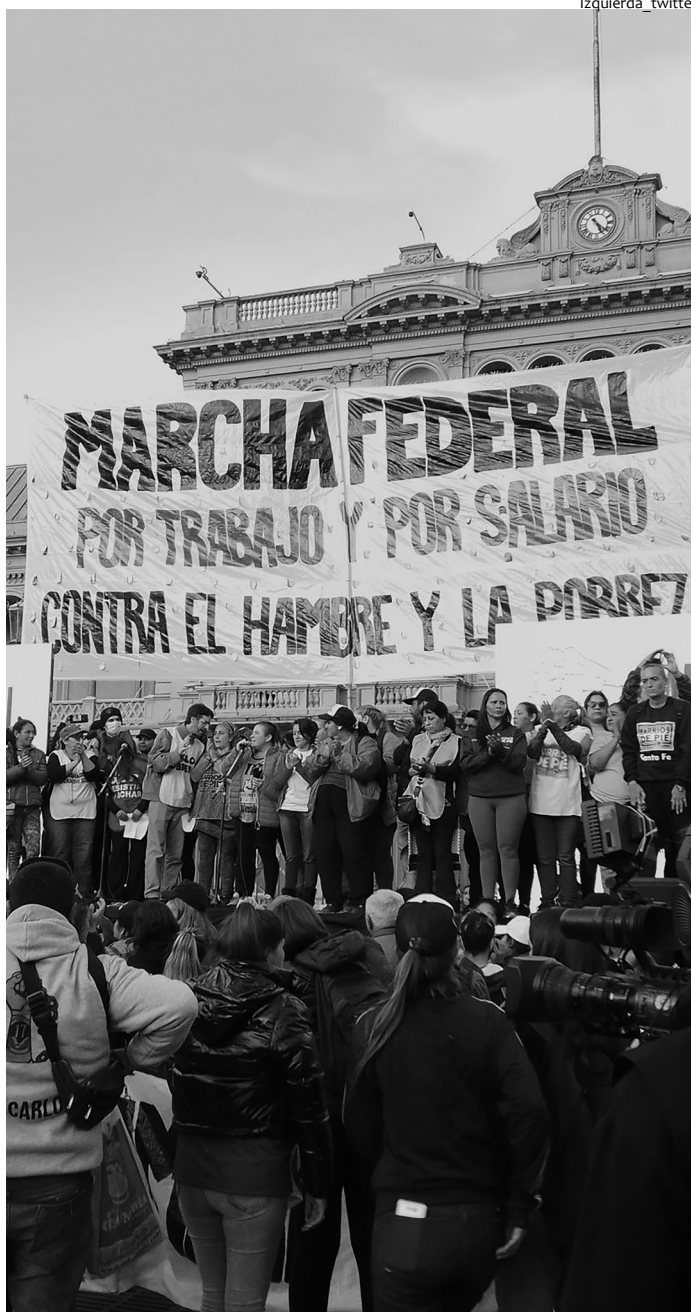
CORRENTE MILITANTE  
SOCIALISTA  
CMI ARGENTINA

Em 12 de maio, no mesmo dia em que o Instituto Nacional de Estatística e Censos (INDEC) informou que a inflação de abril foi de 6%, elevando o registro interanual ao maior valor, em 30 anos, com 58%, centenas de milhares de ativistas vindos de todo o país protagonizaram a *Marcha Federal de la Unidad Piquetera*, que inundou a Cidade de Buenos Aires e encheu a Praça de Maio, para denunciar a fome e a pobreza, bem como para reivindicar trabalho e salários.

Desde o dia 10 de maio, vinham sendo realizados atos e caravanas de norte a sul e que marcaram presença nas principais cidades e províncias do país como Córdoba, Rosário, Jujuy, Bahia Blanca, Salta e Mar del Plata, para confluir no Centro Porteño e realizar um ato de encerramento em frente à Casa Rosada, com mais de 100 mil pessoas.

A envergadura da convocação dos movimentos sociais está diretamente relacionada à concentração da riqueza em um polo, o polo dos empresários, dos banqueiros e dos latifundiários, e à acumulação de miséria no polo oposto, dos trabalhadores e do povo pobre. Enquanto a pobreza atinge 17,1 milhões de pessoas, das quais, 3,8 milhões são indigentes, sete empresários argentinos (Marcos Galperin, Paolo Rocca, Gregorio Pérez Compagnon, Alberto Roemmers, Alejandro Bulgheroni, Eduardo Constantini e Eduardo Eurnekian) estão entre os mais ricos do mundo.

Em meio à crise capitalista mais profunda em décadas, os grandes ricos do país aumentam seus lucros à custa do empobrecimento da maioria da classe trabalhadora, deixando em evidência que os interesses dos empresários e os da classe trabalhadora são antagônicos e irreconciliáveis. Os



Marcha federal: Por trabalho e salário, contra a fome e a pobreza

ricos florescem em cima de nossa miséria.

A impossibilidade de acesso ao trabalho, à alimentação e à moradia colocou os movimentos de trabalhadores desempregados no centro da cena política, mas a inflação que devora os salários, também empurra o movimento dos trabalhadores empregados para a luta econômica, pressionando para melhorar sua renda ante a resistência da burocracia sindical, que busca manobrar com aumentos que sempre ficam abaixo da inflação. O ajuste em curso fez com que a pobreza deixasse de ser uma condição que afeta apenas os desempregados, para também afetar os que contam com um emprego formal, visto que três, em cada dez trabalhadores na Argentina, são pobres.

A grande Marcha Federal representa um passo à frente para o movimento piqueteiro. Mas a principal tarefa é de promover a unidade e a coordenação entre o movimento piqueteiro e o movimento operário. Se o movimento piqueteiro conseguiu vincular sua luta aos comitês de fábrica, às juntas internas e aos delegados de base, a força do movimento adquiriria uma escala qualitativamente superior. É necessário lançar uma convocação da *Unidad Piquetera* para a formação de comitês de base que unam empregados e desempregados, convocando os trabalhadores a passar por cima de suas direções burocráticas e traidoras, e formar um espaço de discussão comum, que se estruture como um comitê por uma Greve Geral Política, acompanhada por uma enorme

mobilização. Isso, sem dúvida, teria um impacto enorme para a classe trabalhadora, empregada e desempregada, em nosso país que necessita de uma referência clara para lutar ante a passividade das centrais operárias.

O conflito social, no país, continua aumentando ante a magnitude da crise. Nesse ano, até agora, registraram-se 2.592 cortes ou piquetes. Um aumento de 73% em relação ao mesmo trimestre do ano passado. É o momento de se dar um passo a frente em busca de unificar todas as lutas para se lutar em bloco. Estamos diante de uma grande oportunidade para unir os trabalhadores empregados, desempregados e precarizados, convocando também os centros de estudantes das escolas e universidades a se somarem à luta comum, visto que, em última instância, todos nós de baixo estamos sofrendo os golpes de um ajuste cada vez mais pesado.

Nem os empresários, nem os banqueiros ou as campanhas de sementeira são capazes de tirar o país do desastre em que se encontra e, menos ainda, os seus representantes políticos. A Frente de Todos só pode oferecer o que vemos: ajustes, queda do salário e pobreza; e a oposição de direita, sob qualquer uma de suas variantes, busca, inclusive aprofundar a velocidade do ajuste com uma política de choque que arrase tudo. O nó górdio da classe dominante se encontra justamente no fato de que não pode restabelecer o equilíbrio econômico, sem pôr em risco o equilíbrio social e político. Os dirigentes patronais veem com preocupação como a crise capitalista mundial aumenta “a insatisfação democrática”.

Ante este cenário, os trabalhadores, empregados e desempregados, devem dar um novo passo à frente. A exitosa Marcha Federal deve ser o prelúdio para se impulsionar a auto-organização nas fábricas, nos bairros e

nos locais de trabalho, na perspectiva de se construir, desde baixo uma greve geral que ponha sobre a mesa a questão de quem manda: se a imensa maioria da população ou uma insignificante minoria de ricos e seus representantes políticos. Isto colocaria em discussão a necessidade de um governo próprio que represente nossos interesses de classe.

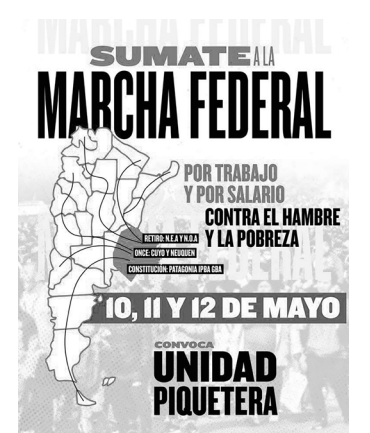
A crise de nosso país não é uma crise isolada, também faz parte da crise orgânica do capitalismo em nível mundial e que vem sendo descarregada sobre os ombros da classe trabalhadora em todo o mundo, dentro de um marco de guerra e pandemia que, pouco a pouco, arrasta a economia global para uma nova recessão, deixando em evidência a inviabilidade do capitalismo para a classe trabalhadora.

Basta já de governos que tornam mais ricos, os ricos, e mais pobres, os pobres. A classe trabalhadora tem que tomar o poder e governar na perspectiva de liquidar o sistema capitalista que nos arrastou à atual penosa situação. O socialismo é a única saída viável, diante de décadas de ajustes e exploração. Os trabalhadores e nossas famílias merecemos uma vida diferente. A palavra está conosco, os de baixo!

• Pela unidade dos trabalhadores empregados e desempregados junto com o movimento estudantil!

• Por uma Greve Geral Política!

• Por um Governo dos Trabalhadores!







# Os marxistas e a onda de sindicalização nos EUA

*A onda de sindicalização que está tomando os Estados Unidos é fruto de uma virada na situação política no país imperialista mais poderoso do mundo. Diante desse reavivamento do movimento sindical, qual é o papel que devem desempenhar os marxistas? Como a CMI está atuando nesse movimento fundamental para a reorganização da classe trabalhadora? Quem nos responde é a Laura Brown, militante da **Socialist Revolution**, seção norte-americana da Corrente Marxista Internacional (CMI).*

EVANDRO COLZANI

**L**aura, a onda de sindicalização que iniciou na Amazon rapidamente espalhou para outras empresas como Starbucks, Apple, Target e além. Qual o significado dessa onda para o movimento operário como um todo? Quais são as perspectivas para o próximo período? Estamos presenciando uma nova etapa no movimento operário norte-americano. A primeira vitória sindical na história da Amazon nos EUA, o principal bastião do capitalismo mundial, foi uma vitória histórica para a classe trabalhadora neste país. Somente em 2022, foram realizadas cerca de 600 solicitações de representação sindical, o dobro do mesmo período do ano passado. Entre essas há mais de 300 solicitações de eleição na Starbucks, com mais de 50 lojas sindicalizadas representando 1.680 trabalhadores.

Esta onda marca um ponto de virada depois de décadas nas quais os trabalhadores sofreram ataque após ataque às condições de trabalho e de vida enquanto os capitalistas aumentavam seus lucros. Entre 1979 e 2019, a produtividade cresceu 70% enquanto os salários só aumentaram 12%. Isto coincidiu com uma queda acentuada da filiação sindical, que baixou de 35% nos anos 1950 até meros 11% atualmente.

Mas a crise do sistema está empurrando os trabalhadores a lutar por seus

direitos – particularmente durante a pandemia, quando milhares deles arriscaram suas vidas no altar do capital, e sentiram o seu poder como trabalhadores essenciais. Também ocorre dentro de um contexto de enorme caos econômico e com uma taxa de inflação de 8,5%, a maior em 40 anos e que está erodindo o poder de compra dos salários.

Neste contexto, e com o rejuvenescimento da classe trabalhadora, a aprovação aos sindicatos cresceu enormemente no último período. 68% da população tem uma opinião favorável aos sindicatos, o nível mais alto desde os anos 60. Entre os mais jovens, de 18 a 34 anos de idade, a aprovação é de 77%. Há um novo ânimo, uma mudança de consciência radical que é o combustível para uma possível explosão no mundo operário deste país.

O movimento ainda está apenas começando, mas uma vitória substancial na Amazon ou em outra grande empresa pode dar um impulso ainda mais forte em todo o país e poderia se converter em um ponto de referência e inspiração para o movimento dos trabalhadores de todo o mundo.

**Vocês publicaram uma entrevista com Chris Smalls, trabalhador da Amazon que iniciou esse movimento na empresa ao ser demitido por causa de suas tentativas de organizar uma greve na empresa. Como vocês se aproximaram de Chris? Nossa seção está em**

**contato com outros trabalhadores que buscam se sindicalizar?** Entramos em contato com Chris Smalls com a ajuda de um jornalista simpatizante da CMI, em 2021, quando recém havia fundado a organização ativista *Congress of Essential Workers*. Ele havia sido despedido pela Amazon por tentar se organizar contra a falta de medidas de proteção à Covid durante o início da pandemia. A partir daí sua trajetória foi muito interessante.

Ele se manteve em contato com seus ex-companheiros de trabalho. Viajou até Bessemer, Alabama, para apoiar a campanha de sindicalização do primeiro armazém ali localizado. Mas essa campanha estava sendo realizada de uma forma muito “tradicional” por parte do sindicato RWDSU. Ou seja, de forma burocrática, sem colocar palavras de ordem concretas, como, por exemplo, o aumento dos salários. A luta em Bessemer fracassou por estes motivos e Chris aprendeu algumas lições desses acontecimentos.

A partir daí, fundou o sindicato *Amazon Labor Union* (ALU), junto com outros ex-companheiros de trabalho, e organizaram a campanha a partir da base, colocando palavras de ordem concretas de melhorias nos contratos (como o aumento de salário para US\$ 30 por hora e com descansos remunerados), estabelecendo contato direto com todos os trabalhadores do armazém JFK8, em Staten Island, do qual havia sido



Protesto dos trabalhadores da Amazon

despedido há meses, antes de iniciar a campanha de sindicalização.

Desde então, a *Socialist Revolution* participou em manifestações em JFK8 e LDJ5; por exemplo, em um evento no dia 24 de abril, onde pudemos voltar a falar com Chris e outros líderes sindicais. Fizemos contato com outros trabalhadores do armazém durante esse evento. Além disso, temos contato com alguns trabalhadores da Apple, Trader Joe's e outras empresas, que são simpatizantes ou membros da CMI e que fizeram parte de iniciativas para organizar em seus postos de trabalho. Também pudemos fazer uma entrevista com a dirigente do comitê de organização de uma sucursal de Starbucks em Nova Jersey.

**Como nossos camaradas da CMI dos Es-**

**tados Unidos estão atuando no movimento? Quais são as dificuldades que vocês enfrentam neste momento?** Participamos de ações em várias lojas da Starbucks em diferentes cidades, em Nova York, Seattle, Philadelphia, entre outras. Não só participamos em manifestações de apoio ao movimento de sindicalização, também participamos no apoio a greves. Por exemplo, nossos camaradas participaram no piquete da primeira greve em mais de 50 anos do sindicato de professores em Minneapolis. Outro exemplo é o apoio que a CMI em Phoenix proporcionou durante a greve do sindicato UNITE de trabalhadores aeroviários.

Participamos nestas manifestações e pique-

tes não só para apoiar a formação de sindicatos em geral, mas principalmente para conectar uma perspectiva e programa revolucionários no movimento. Os trabalhadores podem construir sindicatos, que são organizações defensivas, mas, em última instância, faz falta uma organização ofensiva contra todo o sistema e é esta a meta pela qual construímos um partido revolucionário, que deve se conectar ao movimento dos trabalhadores para lograr a transformação da sociedade.

O principal problema para nós é que o movimento socialista revolucionário nos EUA está crescendo, mas está sendo refundado depois de décadas de desorganização e refluxo. Neste sentido, estamos tentando assentar as primeiras bases para, aos poucos, poder construir uma corrente revolucionária e socialista nos principais sindicatos e postos de trabalho. Mas, atualmente, ainda não temos esta rede para podermos nos conectar com uma camada tão ampla do movimento dos trabalhadores.

Relacionado a isto, algo que também torna a participação no movimento mais difícil, é que não existe um partido de massas da classe trabalhadora que ofereça um apoio nacional e centralizado, lutando também no âmbito político. Os grandes sindicatos não estão tomando nenhuma iniciativa para mobilizar e centralizar esta campanha que está se organizando quase que de forma semiespontânea, com recursos de pequenos sindicatos locais. Esta é uma questão muito importante em um país tão grande como os EUA – maior que o Brasil e com uma população de 335 milhões de habitantes. Na maioria dos casos estamos falando de sindicalização de sucursais isoladas ou de postos de trabalho individuais, apesar de formarem parte de empresas gigantescas.

**No dia 1º de maio, nossos camaradas saíram em mais de 20 cidades difundindo jornais, panfletos e participando dos atos. De acordo com o relato publicado em marxist.com, essas**

**atividades foram extremamente animadas e contaram com ampla participação de jovens e trabalhadores. Você acha que a recente onda de sindicalização ou até mesmo as mobilizações do último período (Striketober etc.) impactaram no ânimo deste 1º de maio? É contraditório que o 1º de maio tenha suas raízes no movimento dos trabalhadores dos EUA, com a luta pela jornada de trabalho de 8 horas, mas que a tradição de luta e mobilização nesse dia tenha se perdido quase que completamente, graças aos esforços da classe dominante. O dia dos trabalhadores oficial neste país é o Labor Day em setembro, algo que a classe dominante implementou para apagar esta história.**

Se levarmos isto em conta, é verdade que as celebrações do 1º de Maio deste ano foram mais enérgicas do que em anos anteriores, sem dúvida alguma por conta da onda sindical. Por exemplo, depois de uma boa manifestação em Staten Island, ALU ajudou a organizar uma marcha em Manhattan de milhares de ativistas e trabalhadores, em conjunto com a principal organização sindical da AFL-CIO em Nova Iorque. Em Los Angeles, para dar outro exemplo, também houve uma manifestação contando com milhares de trabalhadores.

Mas em outras cidades o movimento dos trabalhadores não organizou nada. Em alguns desses casos, tomamos iniciativas para organizar eventos. Por exemplo, em Phoenix organizamos um evento que recebeu o apoio de organizações como o DAS e de agrupamentos sindicais de professores e trabalhadores agrícolas.

Assim, o 1º de maio continua longe do ânimo que existe no 1º de maio de outros países como a Itália e o Brasil. Em 2006, houve um movimento massivo pelos direitos trabalhistas dos imigrantes nos EUA que também faz parte da história do 1º de maio agora, mas desde então não se voltou a repetir um acontecimento dessa magnitude. Na CMI queremos ajudar a reviver as tradições do dia internacional dos trabalha-

“Eu diria que estamos no início. A Amazon tem 1,1 milhão de trabalhadores só nos EUA, com centenas de milhares de empregados em mais de mil armazéns. E é só uma empresa entre dezenas de monopólios e companhias no país”

dores, que não são apenas tradições sindicais, mas também históricas do movimento socialista e revolucionário.

**Recentemente os trabalhadores do depósito LDJ5, próximo ao depósito JFK8, rejeitaram a proposta de sindicalização, sendo 618 votos contrários e 380 a favor. Mesmo no JFK8, onde os trabalhadores decidiram a favor da sindicalização, a votação foi apertada: 2.654 votaram “sim” e 2.131 pelo “não”. O que esses resultados falam sobre o movimento? Pode-se dizer que ele está enfraquecendo?** Não diria que está se debilitando, diria que estamos no início. A Amazon tem 1,1 milhão de trabalhadores só nos EUA, com centenas de milhares de empregados em mais de

mil armazéns. E é só uma empresa entre dezenas de monopólios e companhias no país: Walmart (o maior empregador privado dos EUA), Target, Starbucks, Apple etc. A Starbucks tem mais de 15 mil sucursais nos EUA, com cerca de 160 mil trabalhadores (quase 400 mil em todo o mundo). O caminho é longo e não será fácil. Haverá vitórias e derrotas, mas das derrotas também se pode aprender.

Parte do motivo pelo qual o segundo armazém perdeu a votação pela representação é que emprega muitos trabalhadores em tempo parcial, o que se vê refletido na taxa de abstenção de mais de um terço. Mas isto faz parte do modelo da Amazon, nos armazéns há um trabalho com uma exploração terrível, de longas horas, de trabalho precário que tem uma porta giratória muito rápida. Amazon perde 3% de seus empregados a cada semana, com uma renovação do pessoal de 150% a cada ano.

Em JFK8, ganharam a votação pela sindicalização, mas Amazon vai pôr todos os recursos à sua disposição (e são muitos!) para prolongar o processo através de tribunais,

didadas anti-sindicais etc. Ainda não reconheceu o sindicato e está disputando o voto ao NLRB. Depois, a batalha mais difícil e importante será por um novo contrato, contra o qual, novamente, a Amazon lutará com todas as suas forças para que o processo se prolongue e assim conceder o mínimo de melhoras.

Os métodos necessários para se poder enfrentar estes obstáculos é ter uma perspectiva de luta de classes. Entender que os interesses dos patrões e dos trabalhadores são totalmente opostos e que a força da classe trabalhadora vem de nossa capacidade para parar e controlar a produção, e, assim, paralisar a sociedade e os lucros. Mas, para que estes métodos sejam vitoriosos, faz falta a máxima unidade de classe, solidariedade e militância – não só neste ou naquele armazém ou loja isolados, mas da classe trabalhadora em todo o país. E, para isto, fazem falta recursos maiores, do tipo de recursos que têm à sua disposição os grandes sindicatos organizados na AFL-CIO.

Muitos líderes sindicais mostraram a p o i o







## INTERNACIONAL

à luta na Amazon. Alguns inclusive foram à manifestação de 24 de abril. Por exemplo, *Socialist Revolution* pôde falar com Sara Nelson, presidente do sindicato de auxiliares de voo AFA-CWA, e ela pronunciou um discurso muito militante. Mas, se querem verdadeiramente apoiar a luta, devem passar do falar ao fazer. Por exemplo, em Nova York há um comitê sindical da AFL-CIO que agrupa mais de 300 sindicatos, com 1,3 milhão de membros. Poderiam mobilizar manifestações massivas em toda a cidade em solidariedade com as iniciativas de ALU, além de proporcionar recursos materiais. O efeito seria muito poderoso e poderia ter resultado na vitória de LDJ5. O mesmo aconteceria se a AFL-CIO fizesse um apelo nacional e se mobilizasse para ajudar a organizar Amazon em todo o país. Isso mudaria a relação de forças na luta contra as grandes empresas capitalistas.

Também será importante entender que as leis, os partidos políticos capitalistas e todas as instituições do Estado servem aos interesses do sistema. As leis sindicais existem para limitar e moderar



Trabalhadores do Starbucks se organizam na luta por direitos

a luta e não podemos ter nenhuma confiança nelas, nem nos basearmos nas limitações que nos impõem. Os trabalhadores só podem confiar em sua própria mobilização e em suas próprias forças, e o movimento sindical deve se conectar com a luta por um partido operário de massas, independente dos democratas e republicanos, com um programa socialista.

**Laura, a partir da experiência dos combates recentes nos Estados Unidos, quais são as principais lições que podemos extrair para organizar a luta pelo socialismo? Você gostaria de deixar uma mensa-**

**gem para a juventude e a classe trabalhadora do Brasil?** Devemos ser otimistas, mas, ao mesmo tempo, entender que isto é só o início e que faz parte de um processo histórico. Através destas lutas, a classe trabalhadora começará a sentir sua força e unidade. A crise do sistema está empurrando milhões de pessoas no centro do imperialismo mundial a lutar por seus direitos. E isto no principal país imperialista, no bastião do capitalismo mundial, que no passado era considerado estável e conservador. Tudo se transformou em seu oposto e agora os Estados Unidos estão no centro do furacão.

Não é só *Striketober* ou a onda de sindicalizações. Em 2020, vivemos o maior movimento da história do país, o *Black Lives Matter*, quando centenas de milhões de pessoas saíram às ruas com palavras de ordem que tinham implicações revolucionárias, contra o racismo sistêmico e contra as instituições do Estado capitalista. Esse mesmo Estado agora está colocando em risco o direito ao aborto, o que terá um impacto muito grande para milhões de pessoas, que seguramente sairão às ruas para lutar pelos direitos das mulheres e de toda a classe trabalhadora.

As perspectivas são de ainda mais crise social e econômica, de instabilidade

de e revolução. Dezenas de milhões de jovens e trabalhadores têm uma opinião favorável do socialismo, do comunismo e do marxismo nos EUA. O movimento sindical faz parte deste processo de mudança de consciência que vai demarcar o caminho para mais lutas nas décadas próximas. Como marxistas, nossa tarefa é nos conectar com essas batalhas e colocar um programa socialista de classe para unificar todos esses movimentos em uma força que possa transformar a sociedade completamente, derrubando o sistema para dar um fim completo à exploração.

Esta é a perspectiva a partir da qual organizamos e lutamos. E se logramos derrubar o sistema capitalista nos Estados Unidos, isto produzirá um efeito dominó que certamente impactará nos países latino-americanos, em grande parte no Brasil. Em última instância, a luta da classe trabalhadora de qualquer país está intrinsecamente conectada à luta da classe trabalhadora em todo o mundo, e é por isso que estamos construindo uma internacional marxista para a revolução mundial.

**UNIVERSIDADE  
MARXISTA  
INTERNACIONAL**

23 A 26 DE JULHO

**INSCREVA-SE**

WWW.MARXISMO.ORG.BR/UNIVERSIDADE/  
OU (11) 98110 1336